



Educação a Distância e eLearning na Web Social

"Num momento historicamente marcado por intensas transformações mundiais, este livro traz elementos, ideias, conceitos e expressões manifestações atuais para o campo educacional e, fundamentalmente, faz um convite ao diálogo sobre a Educação contemporânea (...). As tendências recheiam-se de artefatos e espaços: gamificação, plataformas digitais, comunicação por nuvem, celulares, smartphones, tablets e paredes holográficas, inteligência artificial, redes sociais, dispositivos móveis, geolocalização, conteúdo aberto, REA (Recursos Educacionais Abertos), MOOC (Cursos Online Abertos e Massivos), POMA (Percurso Online Massivo Aberto e Bizemática), aplicações semânticas, software livre, hibridização, Educação Aberta, do Zênica online, redes rizomáticas, linguagem emocional, mediação partilhada, interatividade etc., nomeiam e sinalizam as transformações socioeducacionais."

Adriano Rocha Bruno

J. ANTÔNIO MOREIRA · DANIELA MELARÉ BARROS · ANGÉLICA MONTEIRO

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E eLEARNING NA WEB SOCIAL

J. ANTÔNIO MOREIRA
DANIELA MELARÉ BARROS
ANGÉLICA MONTEIRO

educação
a distância

e
eLearning
na web social

WHITEBOOKS



WHITEBOOKS

CONSELHO EDITORIAL

Adriana Rocha Bruno,
Universidade Federal de Juiz
de Fora (UFJF), Brasil

Aguinaldo Robinson de Souza,
Universidade Estadual
Paulista (UNESP), Brasil

Albertina Lima Oliveira,
Universidade de Coimbra, Portugal

Ana Cristina Almeida,
Universidade de Coimbra, Portugal

Antônio Gomes Ferreira,
Universidade de Coimbra, Portugal

Armanda Matos,
Universidade de Coimbra, Portugal

Carla Isabel Vilhena,
Universidade do Algarve, Portugal

Cristina Sánchez Gimenez,
Universidad Nacional de Educación
a Distancia (UNED), Espanha

Darwin Ianuskiewtz,
Centro Universitário de
Araraquara (UNIARA), Brasil

Edméa Oliveira Santos,
Universidade Estadual do
Rio de Janeiro, Brasil

Elizete Lúcia Moreira Matos,
Pontifícia Universidade Católica
do Paraná, Curitiba/PR, Brasil

Fabienne Lancella,
Université de Poitiers, França

Helder Manuel Henriques,
Escola Superior de Educação
de Portalegre, Portugal

Keyla Isabel Cañizales,
Universidad Centroccidental
Lisandro Alvarado, UCLA, Venezuela

Klaus Schlunzen Junior,
Universidade Estadual
Paulista (UNESP), Brasil

Joaquim Armando Ferreira,
Universidade de Coimbra, Portugal

José Luis Garcia Cué,
Colégio Pós Graduados
Texcoco, México

José Manuel Mansilla Morales,
Universidad Complutense
de Madrid, Espanha

Lynn Alves,
Universidade do Estado
da Bahia, Brasil

Luís Carlos Mota,
Escola Superior de Educação
de Coimbra, Portugal

Mariano Gutiérrez Tapias,
Universidad de Valladolid, Espanha

Sandra Cristina Valadas,
Universidade do Algarve, Portugal

Sofia de Lurdes Rosas da Silva,
Escola Superior de Educação
de Coimbra, Portugal

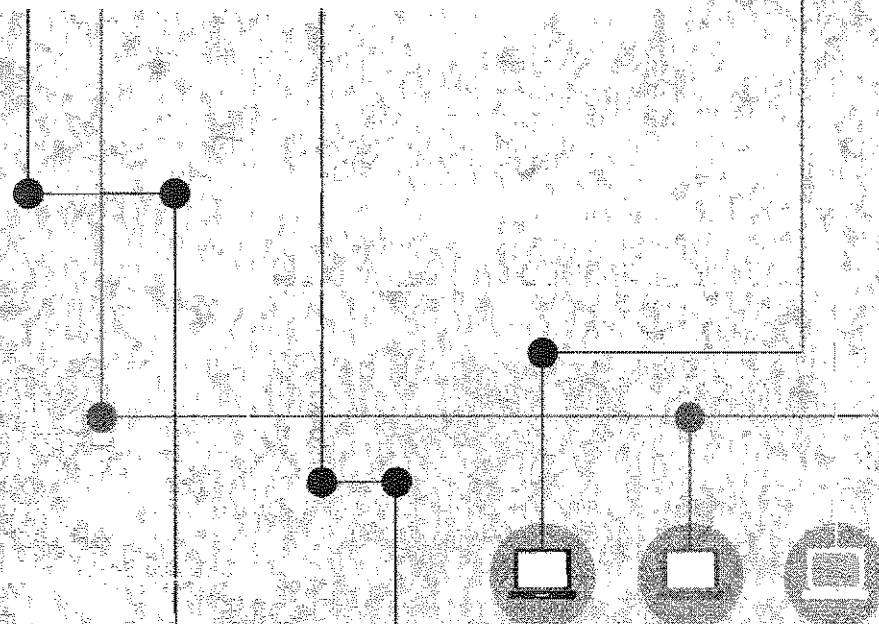
Walter Campi,
Universidad Nacional de
Quilmes, Argentina

Wilmer Ismael Ángel Benavides,
Universidad Nacional Abierta y
a Distancia (UNAD), Colômbia

Wilson Massashino Yonezawa,
Universidade Estadual
Paulista (UNESP), Brasil

educação
a distância

e
eLearning
na web social



FICHA TÉCNICA

TÍTULO

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E eLEARNING NA WEB SOCIAL

ORGANIZAÇÃO

J. António Moreira
Daniela Melaré Barros
Angélica Monteiro

CAPA E DESIGN

Carlos Gonçalves

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Printhaus

AUTORES

Alexandra Okada
Ana Catarina Lima
Angélica Monteiro
António Roberto Serra
Carlos Morais
Cláudia Machado
Daniela Melaré Barros
Filipa Seabra
J. António Moreira
João Mattar
José Azevedo
Luísa Aires
Luísa Miranda
M. Angeles Rebollo
Marco Silva
Mária de Fátima Goulão
Mária Luz Cacheiro González
Mária Teresa Miceli Kerbauy
Paulo Alves
Paulo Dias
Rafael Garcia-Perez
Susan Kratochwil
Susana Henriques
Susana Januário
Vanessa Matos dos Santos

DEPÓSITO LEGAL

377109/14

ISBN

978-989-8765-01-7

DATA

1ª Edição, Santo Tirso, julho de 2014

SEJA ORIGINAL!
**DIGA NÃO
À CÓPIA**
RESPEITE OS DIREITOS DE AUTOR

ABERTIA



LE@D

© WHITEBOOKS

Rua de S. Bento, Edifício Cidnay - L2
4780-546 Santo Tirso - Portugal
geral@whitebooks.pt
www.whitebooks.pt

RESERVADOS TODOS OS DIREITOS.
Esta edição não pode ser reproduzida
nem transmitida, no todo ou em
parte, sem prévia autorização escrita
da editora.

J. ANTÓNIO MOREIRA
DANIELA MELARÉ BARROS
ANGÉLICA MONTEIRO

educação
a distância

e

eLearning
na web social

WHITEBOOKS



Índice

PREFÁCIO	11
Adriana Rocha Bruno	
APRESENTAÇÃO	17
J. António Moreira, Daniela Melaré Barros & Angélica Monteiro	
CAPÍTULO I EDUCAR NA (SOCIEDADE EM) REDE SOCIAL	23
J. António Moreira, Susana Januário & Angélica Monteiro	
CAPÍTULO II REDES SOCIAIS E EDUCAÇÃO	39
Maria Teresa Miceli Kerbauy & Vanessa Matos dos Santos	
CAPÍTULO III REDES SOCIAIS NA APRENDIZAGEM: MOTIVAÇÃO E UTILIZAÇÃO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR	73
Luísa Miranda, Carlos Morais, Paulo Alves & Paulo Dias	

- Scherer-Warren, I. (2007). Redes sociais: trajetórias e fronteiras. In: Dias, L. C.; Silveira, R. (2007). *Redes, sociedades e territórios*. 2. ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc.
- Spyer, J. et al. *Manual do Twitter*. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/18384882/Manual-Twitter-Baixa-resolucao-3-MB>. Acesso em 1 mai 2014.
- Waquil, M., & Behar, P. A. (2009). Princípios da pesquisa científica para investigar ambientes virtuais de aprendizagem sob o ponto de vista do pensamento complexo In: Behar, P. A. (Org.). *Modelos pedagógicos em educação a distância*. Porto Alegre: Artmed.
- Watts, D. (2003). *Six Degrees. The Science of a Connected Age*. New York: W. W. Norton & Company.

CAPÍTULO III

REDES SOCIAIS NA APRENDIZAGEM: MOTIVAÇÃO E UTILIZAÇÃO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR

LUÍSA MIRANDA

CIEC - Universidade do Minho
Instituto Politécnico de
Bragança, Portugal
lmiranda@ipb.pt

CARLOS MORAIS

CIEC - Universidade do Minho
Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
cmmm@ipb.pt

PAULO ALVES

Instituto Politécnico de
Bragança, Portugal
palves@ipb.pt

PAULO DIAS

Departamento de Educação
e Ensino a Distância
Universidade Aberta, Portugal
paulo.dias@uab.pt

1. INTRODUÇÃO

As formas de utilização e o número de participantes nas redes sociais aumentam diariamente, nomeadamente para interagir com pessoas conhecidas ou para conhecer novas pessoas (Ellison *et al.*, 2007) e para criar grupos de interesse. Os contactos sociais desenvolvidos nestas redes têm grande impacto na interação, transmissão e partilha de informação entre os membros (Mayer & Puller, 2008).

Tendo como referência este quadro de interação, a forma e a frequência de utilização das redes pelos estudantes do ensino superior, procuramos identificar o seu contributo, através das

práticas emergentes, para o desenvolvimento de novas abordagens pedagógicas na educação e formação.

Neste capítulo para além de se abordar o contexto de aprendizagem em rede, salientam-se os resultados de um estudo realizado com uma amostra de estudantes do ensino superior, o qual teve como principais objetivos: identificar a representatividade dos estudantes que utilizam regularmente as redes sociais; identificar os motivos que levam os estudantes a utilizar as redes sociais; identificar as redes sociais que os estudantes utilizam com maior frequência; identificar as ações desenvolvidas pelos estudantes nas redes sociais; apreciar as potencialidades que os estudantes reconhecem às redes sociais.

2. APRENDIZAGEM EM REDE

2.1. REDES SOCIAIS COMO ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM NA WEB

As redes sociais na *web* emergem das práticas de interação orientadas para a partilha e formação de grupos de interesse que estão na origem das narrativas digitais da sociedade do conhecimento. O sentido da construção coletiva e colaborativa na *web* constitui uma das principais características destas organizações, para além da flexibilidade e da complexidade dos sistemas de informação, aprendizagem e conhecimento.

A configuração dos meios, formas e contextos de interação na rede é realizada através da mediação digital. Porém, este processo estende-se para além da perspetiva tecnológica da mediação e incide igualmente, de forma particular, nas práticas de mediação social e cognitiva entre os membros que integram a rede, transformando o conjunto destas numa narrativa coletiva e na experiência partilhada pela comunidade. Neste sentido, o conhecimento elaborado no âmbito da rede constitui uma representação coletiva e partilhada pelos membros do grupo (Dias, 2012).

Por outro lado, a rede constitui-se num processo dinâmico de participação e envolvimento, cuja variação na intensidade e formas

da presença social e cognitiva dos seus membros conduz à sua transformação num sistema flexível e também complexo.

O sentido de abertura próprio ao conceito da rede remete-nos para a flexibilidade de um modelo organizacional tendencialmente não hierárquico, não centralizado e horizontal, caracterizado ainda pela fluidez dos percursos e trajetórias da interação nos universos digitais e pela densidade das experiências sociais e colaborativas. A flexibilidade constitui, assim, a capacidade de reconfiguração do sentido e objetivos da rede social no quadro do seu processo de desenvolvimento, cuja implicação apresenta novos desafios para o pensamento educacional, nomeadamente ao nível da inovação nos contextos e práticas de aprendizagem para a Sociedade do Conhecimento.

As redes na internet constituem uma nova forma de relacionamento na sociedade atual. As redes sociais têm vindo a assumir um papel cada vez mais central na *web 2.0*, a qual, segundo Tim O'Reilly (2005) visa centrar a *web* como uma plataforma que aproveita o efeito de rede, tendo em vista que quanto mais as aplicações forem utilizadas mais ricas se tornam. As aplicações da *web*, pela sua estrutura em rede assumem novas dimensões para a interação, a aprendizagem e a construção do conhecimento. Como refere Siemens (2004: s/p) "Over the last twenty years, technology has reorganized how we live, how we communicate, and how we learn. Learning needs and theories that describe learning principles and processes should be reflective of underlying social environments".

A mudança tecnológica implica profundas alterações na compreensão dos processos de interação social e na construção da aprendizagem e do conhecimento. De entre estas, a noção de rede, para a interação social num cenário de globalização, implica um novo pensamento sobre os modos de organização dos grupos e comunidades, para o qual as redes sociais constituem uma manifestação nos espaços digitais emergentes.

Retomando o pensamento do autor, Siemens (2005), refere que "The beauty of networks is their inherent simplicity". A rede é definida pelos nós e pelas ligações entre estes e é através deste modelo que se desenha a complexidade do conhecimento distribuído

e da abordagem do conectivismo orientada para a criação de uma rede de ligações que forma o padrão de conhecimento distribuído.

Como meio de exploração das conexões na *web* de uma forma fundamentada, Siemens (2005: s/p) apresenta os seguintes princípios do conectivismo:

Learning and knowledge rests in diversity of opinions; Learning is a process of connecting specialized nodes or information sources; Learning may reside in non-human appliances; Capacity to know more is more critical than what is currently known; Nurturing and maintaining connections is needed to facilitate continual learning; Ability to see connections between fields, ideas, and concepts is a core skill; Currency (accurate, up-to-date knowledge) is the intent of all connectivist learning activities; Decision-making is itself a learning process; Choosing what to learn and the meaning of incoming information is seen through the lens of a shifting reality; While there is a right answer now, it may be wrong tomorrow due to alterations in the information climate affecting the decision.

De entre este conjunto salienta-se, de acordo com o autor, que a aprendizagem em rede emerge do processo de criação de redes, referido no segundo princípio.

A *web 2.0* enquanto rede de autor e produção individual, coletiva e colaborativa, trouxe aos estudantes novas formas e possibilidades de criação de conteúdos e de utilização desses mesmos conteúdos, nomeadamente, como podcasts, blogues, bookmarks sociais, redes sociais, atividades em mundos virtuais e wikis.

O uso de tecnologias da *web 2.0*, como os wikis e as redes sociais, para complementar a aprendizagem em contexto de sala de aula, permite desenvolver formas interativas e colaborativas de aprendizagem para os estudantes, recorrendo a meios com os quais estão familiarizados. Isto é particularmente significativo para os utilizadores, nomeadamente os estudantes do ensino superior que participaram no presente estudo, que são considerados nativos digitais do mundo da internet e dos computadores de acordo com Prensky (2001).

Atendendo à opinião de Gray (2010), a comunidade educativa está interessada em permitir que os estudantes possam demonstrar os seus resultados de aprendizagem através da criação de conteúdos nestas novas plataformas. A criação de conteúdos nas plataformas baseadas na *web* implica o envolvimento dos estudantes no desenvolvimento das suas competências, aumentar a capacidade crítica e criativa, para além da possibilidade de poderem assistir e beneficiar da revisão das suas produções por pares.

A diversidade de ferramentas e de potencialidades das ferramentas da *web 2.0* são enormes, destacamos, apenas a título ilustrativo algumas dessas ferramentas e respetivas potencialidades. A adoção de blogues, wikis e redes sociais transformou a internet com o aumento das suas potencialidades passando, em parte, a ênfase da grande quantidade de informação relacionada entre si, e sempre disponível, para a conexão permanente de pessoas.

As aplicações mais comuns e que mais facilmente promovem a ligação entre pessoas são as redes sociais.

As redes sociais tornaram-se frequentes em ambientes de aprendizagem, permitindo a exploração de novas formas de ensino e aprendizagem, salientando-se, como exemplo, o *Facebook*. As redes sociais apresentam-se como uma alternativa às plataformas tradicionais de aprendizagem, atendendo que focam o espírito colaborativo e de comunidade, combinando o perfil individual com ferramentas interativas de grupo, como *chat*, blogues e fóruns de discussão (Arnold & Paulus, 2010).

A utilização da diversidade de recursos da *web 2.0* na aprendizagem levou à criação da designação Ambiente Pessoal de Aprendizagem (*Personal Learning Environment* (PLE), que se define como a integração dos espaços formais e informais na aprendizagem (Attwell, 2007).

Os Ambientes Pessoais de Aprendizagem são um conceito baseado na *web 2.0*, constituídos por um conjunto de sistemas e ferramentas acessíveis através de um *browser*, que criam um ambiente no qual os estudantes têm acesso à informação e serviços a partir de uma grande variedade de fontes. A principal característica destes

ambientes é serem pessoais, centrados no estudante e flexíveis (Velasco, 2010).

Atendendo à opinião de Lubensky (2006), um Ambiente Pessoal de Aprendizagem representa a facilidade que um indivíduo tem em aceder, agregar, configurar e manipular artefactos digitais no decorrer de experiências de aprendizagem. Estes ambientes representam um desafio de convergência de recursos centrados no estudante, reunindo num único ambiente recursos disponibilizados aos estudantes pelas instituições de ensino, os e-portefólios e os serviços da *web 2.0*.

Das características dos Ambientes Pessoais de Aprendizagem, sugeridas por Lubensky (2006), salientamos: são ambientes efetivamente controlados pelo utilizador; incluem recursos digitais constituídos por diversos meios, entre os quais texto estático e serviços dinâmicos – mensagens instantâneas, fóruns e *weblogs*. Integram-se com serviços digitais, tais como ambientes de aprendizagem e ferramentas da *web 2.0*, podendo refletir experiências de aprendizagem que os utilizadores adquirem ao longo da vida, assim como constituem um elo de ligação entre os sistemas de gestão da aprendizagem das instituições de formação e o mercado de trabalho.

O desenvolvimento e o suporte dos ambientes pessoais de aprendizagem implicam uma mudança radical, não só na forma como se usa a tecnologia educativa, mas na organização e no paradigma educacional. Estes ambientes proporcionam mais autonomia aos estudantes, mas implicam mais responsabilidade na aprendizagem (Attwell, 2007).

Esta mudança de paradigma para um ensino centrado no estudante vai de encontro ao tipo de utilização que os estudantes fazem, normalmente, das redes sociais, criando uma rede de contactos e de partilha de informação e de conhecimento, centradas no seu perfil, que vai alargando à medida das suas necessidades de comunicação e de desenvolvimento social.

As redes sociais permitem que os seus membros se apresentem, articulem as suas relações sociais e estabeleçam ou mantenham relações com outras pessoas, sendo particularmente utilizadas

para estes fins o *Friendster*, *CyWorld* e o *MySpace*. Estas plataformas podem ser orientadas aos contextos de trabalho (ex. *LinkedIn*), para ligar pessoas com interesses comuns (ex. *MySpace*) ou para manter contacto entre colegas de escola, como por exemplo o *Facebook* (Ellison *et al.*, 2007). Como salientam Amador e Amador (2014) os sites de redes sociais, como o *Facebook*, são um local de encontro para proporcionar serviços de orientação académica para os estudantes em ambientes de ensino superior.

As redes sociais podem ser usadas da mesma forma que os sítios pessoais na *web* e as aplicações de mensagens instantâneas, constituindo um espaço fácil e acessível para a interação e a troca de opiniões. Estas potencialidades podem ser importantes na medida em que os utilizadores se encontram, muitas vezes, *online* beneficiando das ferramentas disponíveis que possibilitam uma fácil comunicação (Pempek *et al.*, 2009).

Das potencialidades atribuídas às redes sociais, pelos vários autores, sobressai como aspeto relevante a ampliação das possibilidades de contactos e de aprofundamento dos laços sociais e de relação entre as pessoas.

O sucesso das redes sociais deve-se, em geral, às imensas possibilidades de partilha da informação e de colaboração, representando novas oportunidades a nível pessoal, profissional e educativo.

Como exemplos de redes sociais com grande divulgação e utilização destacamos: *Facebook*, *Youtube*, *Hits*, *Twitter* e *Myspace*.

O *Facebook* surgiu em fevereiro de 2004, começou por ser uma rede usada apenas por estudantes, mas foi ganhando espaço, tornando-se a rede social mais utilizada em todo o mundo. É uma rede social que permite a partilha de informação e de mensagens, proporcionando aos utilizadores aderir a grupos organizados, entre os quais grupos de trabalho, de ensino ou de lazer, para interagirem com outras pessoas com interesses comuns.

Sánchez, Cortijo, e Javed (2014), a partir de um estudo que envolveu 214 alunos do ensino superior concluem que a natureza social do *Facebook* impulsiona a sua adoção e uso entre estudantes universitários, facto que pode trazer importantes implicações práticas na atuação dos professores, nomeadamente para melhorar a

experiência de aprendizagem dos alunos, aumentando a comunicação, colaboração e a sua participação no processo de aprendizagem.

O *YouTube* é uma rede, essencialmente orientada para a partilha de vídeo. Tem vindo a ser dotada de características mais sociais, nomeadamente ao nível da inserção de comentários de vídeos e de partilha de opiniões. Surgiu em 2005 e é atualmente um dos sítios mais populares devido à diversidade e quantidade de conteúdos disponibilizados que variam desde vídeos de entretenimento até vídeos educativos e de promoção empresarial. A revista *Time* elegeu o *YouTube*, em 2006, como a maior invenção do ano, por constituir uma plataforma educativa e de entretenimento utilizada por milhões de pessoas.

O *Hi5* foi durante muitos anos a rede social mais popular em Portugal. Surgiu em 2003 com o sentido metafórico *amigo de partilhar*. É muito utilizado para disponibilizar informação pessoal, partilhar fotografias e partilhar comentários entre amigos. O grupo etário que mais utiliza esta rede é o dos jovens, 25 % dos seus utilizadores têm idades entre 13 e 17 anos.

O *Twitter* ou *Tweeter* é uma rede social livre que apareceu em 2006 e desde então tem crescido em todo o mundo. É muitas vezes descrito como o *SMS da internet*. O *Twitter* pode ser caracterizado por possuir uma interface que permite aos seus utilizadores enviar e ler *tweets* ou mensagens de outros utilizadores conhecidos. Os *tweets* são baseados em textos que não ultrapassam 140 caracteres, sendo atualizados pelo próprio utilizador. É necessária a criação de uma conta para poder aceder a esta interface, na qual se partilha conhecimento sobre diversos assuntos, tais como músicas, fotos e filmes.

O *Myspace* surgiu em 2003, tendo como principal meta disponibilizar um espaço público de partilha de informação, permitindo, por exemplo, criar uma página de um grupo em que as pessoas com interesses comuns podem estar ligadas e interagir.

De acordo com a informação disponível no sítio eBizMBA (eBizMBA, 2014) com estatísticas sobre a utilização das redes sociais, a nível mundial, as redes sociais com maior número de utilizadores são o *Facebook*, com 900000000 visitantes mensais,

Twitter (310000000), *LinkedIn* (250000000), *Pinterest* (150000000), *Google+* (120000000) e *Tumblr* (110000000).

Embora seja possível identificar com elevado grau de confiança as redes sociais que estão a ser mais utilizadas em cada momento no mundo, a sua caracterização é sempre incompleta, não só pelo dinamismo das suas potencialidades e objetivos de utilização, como também pela grande diversidade de públicos e interesses que permanentemente envolvem.

3. CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

3.1. NATUREZA E OBJETIVOS DO ESTUDO

O presente estudo relativamente à sua natureza pode ser considerado misto, atendendo a que admite de forma bastante equilibrada o desenvolvimento de aspetos próximos dos paradigmas de investigação qualitativa e de investigação quantitativa.

Salientam-se como características do paradigma de investigação quantitativa os aspetos associados aos resultados obtidos a partir das respostas dadas pelos sujeitos da amostra a questões de resposta fechada, nomeadamente respostas acerca da quantidade de estudantes que utiliza as redes sociais, do número de estudantes que utiliza cada rede e do número de estudantes que faz determinado uso das redes sociais.

A investigação assume características próximas do paradigma de investigação qualitativa nos aspetos relacionados com as potencialidades que os estudantes reconhecem às redes sociais para apoio à aprendizagem, obtidas a partir de questões de resposta aberta, cujo tratamento implicou a definição de unidades de análise e de categorias, dependentes das opiniões dos sujeitos e da interpretação dos dados realizada pelos investigadores, constituindo estes, instrumentos essenciais na recolha e tratamento dos dados.

Acerca dos procedimentos realizados, a investigação pode ser considerada como experimental por inquérito, atendendo a que os estudantes foram diretamente inquiridos a partir de um questionário que teve em conta os objetivos a atingir com a investigação, bem como as características atribuídas aos questionários para obter

informações acerca das opiniões, comportamentos e circunstâncias da vida dos sujeitos da amostra.

Atendendo a que as redes sociais permitem livre acesso aos utilizadores que o desejem, considerou-se relevante apreciar a sua utilização e frequência de utilização, assim como as redes sociais mais utilizadas, as ações desenvolvidas nas redes sociais e as potencialidades das redes sociais para a aprendizagem.

3.2. POPULAÇÃO E AMOSTRA

A amostra foi obtida a partir de uma população constituída por 2910 estudantes de licenciatura de duas escolas do ensino superior, uma com cursos mais orientados para a educação e outra com cursos mais orientados para a engenharia e a gestão. A amostra foi constituída por 363 estudantes que corresponde, aproximadamente, a 12% da população.

A amostra pode ser considerada como não probabilística, pois, foi selecionada em função da disponibilidade e da acessibilidade dos elementos da população.

Os estudantes que constituem a amostra fazem parte de 11 licenciaturas. A distribuição dos estudantes pelas licenciaturas é a seguinte: Educação Ambiental (8), Educação Básica (86), Desporto (72), Educação Social (61), Línguas e Relações Internacionais (10), Engenharia Eletrotécnica (19), Engenharia Informática (2), Engenharia Biomédica (32), Engenharia Mecânica (14); Contabilidade (15) e Gestão (44). Dos estudantes referidos 238 frequentam o 1.º ano, 66 o 2.º ano e 59 o 3.º ano. O tipo de frequência das aulas da maioria dos estudantes é *ordinário* (98%), tendo apenas 2% dos estudantes o estatuto de *trabalhador-estudante*.

Dos sujeitos da amostra 36% são do género masculino e 64% do género feminino. As idades variam de 18 a 51 anos, sendo a média das idades 21 anos, a moda 19 anos, a mediana 20 anos e o desvio padrão 3,5.

3.3. RECOLHA E TRATAMENTO DE DADOS

A recolha de dados foi efetuada a partir da administração de um questionário aos sujeitos da amostra. O questionário é constituído por oito questões, sendo três questões de resposta aberta e cinco

questões pré-formatadas. Cada uma das questões pré-formatadas é constituída por sete alíneas, sendo seis de resposta fechada e uma de resposta aberta. O questionário foi administrado no ano letivo de 2009/2010. A administração e posterior recolha foram efetuadas, em cada turma que integrava sujeitos da amostra, no início de uma aula pelo respetivo professor, a pedido dos autores do estudo.

Os dados de natureza quantitativa foram organizados em tabelas e gráficos, de acordo com o número de respostas obtidas para cada uma das questões de resposta fechada.

Para a apreciação das respostas dadas às questões de resposta aberta foram definidas categorias e considerada como unidade de análise cada proposição identificada nas respostas dos estudantes. A partir da unidade de análise considerada, identificaram-se as unidades de registo e integraram-se nas respetivas categorias.

Na análise de conteúdo das questões de resposta aberta foram tidas em conta as duas propriedades, consideradas essenciais no processo de medição, exaustividade e exclusividade, ou seja, o conjunto de todas as categorias engloba a totalidade das unidades de registo e não existe qualquer unidade de registo que pertença simultaneamente a mais do que uma categoria.

Relativamente às potencialidades que os estudantes reconhecem às redes sociais para a aprendizagem foram definidas as categorias: contactos, discussão, recursos, usabilidade e outras.

Acerca das opiniões dos estudantes sobre as redes sociais definiu-se as categorias: opiniões favoráveis, opiniões não favoráveis e outras.

Evidenciou-se a representatividade das categorias através de representações gráficas, com a percentagem das unidades de registo integradas em cada categoria.

4. RESULTADOS DA INVESTIGAÇÃO

Os resultados acerca da utilização e das potencialidades das redes sociais foram obtidos a partir de uma amostra de estudantes do ensino superior, tendo em conta as respostas dadas a um questionário construído para o efeito.

4.1. MOTIVAÇÃO E UTILIZAÇÃO DAS REDES SOCIAIS PELOS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR

O desenvolvimento deste tema tem por base os dados obtidos na investigação. Nos resultados, distinguem-se os dados dos estudantes que utilizam as redes sociais dos que as não utilizam. De acordo com as respostas dos 363 sujeitos da amostra à questão *Já utilizou redes sociais?* concluiu-se que 350 (96%) já utilizaram as redes sociais e 13 (4%) não as utilizaram.

A elevada percentagem de estudantes que utiliza as redes sociais tem de ser levada em conta na descoberta de novas metodologias de ensino e aprendizagem que tenham em conta esta realidade. Por vezes, os estudantes encontram-se com mais frequência nas redes sociais do que na escola a que estão oficialmente vinculados.

Os principais motivos para a não utilização das redes sociais apresentados pelos 13 sujeitos da amostra são a falta de motivação e o desagrado por tornar pública a vida pessoal. A análise e discussão da motivação e utilização das redes sociais que se apresentam neste trabalho resultam das respostas dadas pelos 350 elementos da amostra que já utilizaram as redes sociais.

Uma das questões a que pretendemos dar resposta foi a de identificar os motivos que levam os estudantes a utilizar as redes sociais.

Os principais motivos que levam os estudantes do ensino superior a utilizar as redes sociais são contactos com amigos (98%), entretenimento (92%), apoio à aprendizagem (67%), discussão de temas de interesse (55%), promoção de eventos (44%) e contactos profissionais (42%). Apenas 3% dos estudantes não respondeu, ou apresentou outros motivos tais como curiosidade, socialização e não ter nada para fazer. No mesmo sentido, Sánchez, Cortijo e Javed (2014) salientam que os estudantes são influenciados a adotar o Facebook para estabelecer ou manter contato com outras pessoas com quem eles compartilham interesses.

Como síntese, apresenta-se na Figura 1 uma representação gráfica com a distribuição das respostas dos sujeitos da amostra relativas à motivação para utilização das redes sociais.

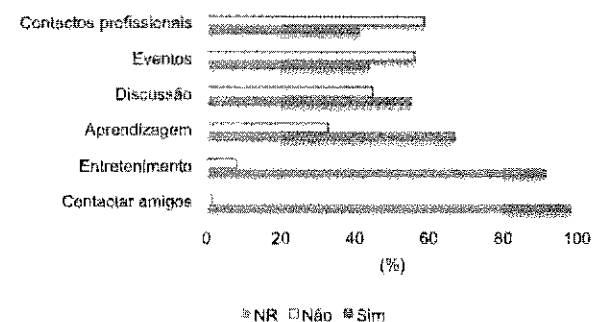


Figura 1: Motivos que levam os estudantes a utilizar as redes sociais (n=350)

Na Figura 1 evidencia-se que contactar amigos e entretenimento são as opções com maior preferência de utilização dos estudantes do ensino superior.

Considerando que as redes sociais têm tido grande evolução, quer em termos de quantidade quer em termos de potencialidades, neste estudo também houve a preocupação de identificar quais são as redes mais utilizadas pelos estudantes do ensino superior, no ano em que foi administrado o questionário, 2010.

Neste sentido, apresentou-se aos estudantes a seguinte questão: *Saliente as redes sociais que utiliza regularmente*, tendo sido apresentadas aos estudantes as seguintes opções: Facebook, Hi5, MySpace, Orkut, Twitter, Bebo e a opção *outras*. Cada estudante, para cada uma das redes salientadas tinha duas opções de resposta, *sim* e *não*, podendo desta forma, seleccionar todas as redes que costuma utilizar.

A partir das respostas dos 350 estudantes, verificou-se que o Facebook e o Hi5 são as mais utilizadas, respetivamente por 81% e 77% dos estudantes. Relativamente à utilização do Facebook, Junco (2012), baseado num estudo que envolveu uma amostra de 1839 estudantes do ensino superior, sugere que a quantidade de tempo gasto no Facebook pode prejudicar o tempo gasto com o trabalho académico, inferindo que o menor tempo gasto no trabalho académico implica um impacto negativo em termos de sucesso académico, medido pelas classificações obtidas pelos estudantes.

No mesmo sentido, Kirschner e Karpinski (2010) salientam que os estudantes que utilizam frequentemente o *Facebook* obtiveram classificações acadêmicas inferiores e passaram menos tempo a estudar semanalmente do que os estudantes que o não usam.

Na utilização das outras redes verificam-se as seguintes percentagens de estudantes que as utilizam: *MySpace* (12%), *Twitter* (10%), *Orkut* (4%), *Bebo* (1%) e *outras* (7%), tendo surgido na opção *outras* o *MSN*, *LinkedIn*, *Netlog*, *Tagged* e *Badoo*.

Apresenta-se na Figura 2 a distribuição das respostas dos estudantes relativamente às redes sociais que utilizam.

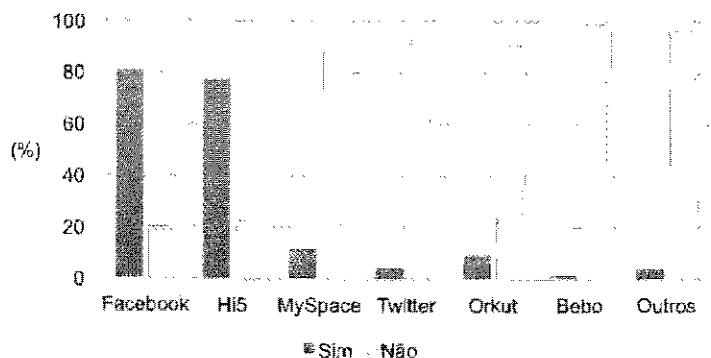


Figura 2: Redes sociais utilizadas pelos estudantes do ensino superior (n=350)

Após a análise dos dados, verificou-se que 28% dos estudantes utilizam apenas uma rede, 51% utilizam duas, 16% utilizam três e apenas 5% utilizam mais do que três redes.

Para identificar as ações que os estudantes desenvolvem nas redes sociais foram apresentadas as seguintes: consultar informação, disponibilizar conteúdos, enviar mensagens, fazer comentários, manter contacto com os amigos, jogar e *outras*, admitindo cada uma das opções a resposta, *sim* e *não*.

As principais ações desenvolvidas pelos estudantes nas redes sociais, tendo em conta a percentagem de respostas na opção *sim* foram: manter contacto com amigos (94%), enviar mensagens

(87%), fazer comentários (81%), consultar informação (79%), jogar (61%), disponibilizar conteúdos (51%) e *outras* (2%). Na opção *outras*, os estudantes salientaram as ações: ver filmes e ver fotos.

Na Figura 3, salienta-se a distribuição das ações desenvolvidas pelos estudantes do ensino superior nas redes sociais.

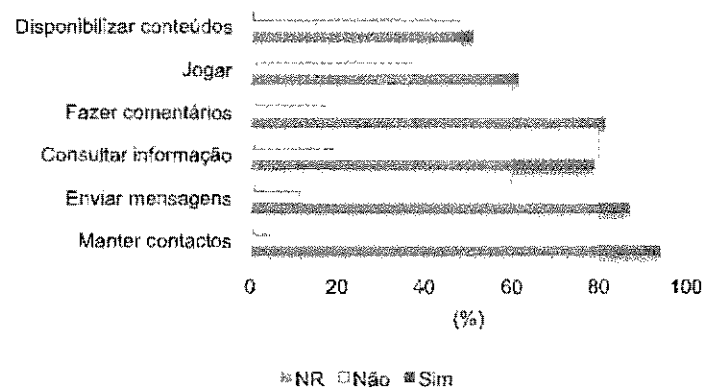


Figura 3: Ações desenvolvidas pelos estudantes nas redes sociais (n=350)

A representação gráfica da Figura 3 evidencia que as ações que os estudantes desenvolvem com maior frequência são: manter contactos, enviar mensagens e consultar informação.

4.2. POTENCIALIDADES ATRIBUÍDAS PELOS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR ÀS REDES SOCIAIS PARA A APRENDIZAGEM

A rede social utilizada com maior frequência e por maior percentagem de estudantes é o *Facebook*. De acordo com Sánchez, Cortijo, e Javed (2014) o uso educacional do *Facebook* é explicado diretamente pelos seus fins de uso e indiretamente pela sua adoção. Neste estudo, a caracterização das potencialidades das redes sociais para a aprendizagem resultou da apreciação das respostas dadas à questão: *Refira as principais potencialidades que reconhece às redes sociais para servirem como recurso de apoio à aprendizagem*. Responderam a esta questão 315 estudantes. Considerando como unidade de análise cada

proposição identificada nas respostas destes estudantes resultaram 424 unidades de análise, ou seja, 424 proposições.

Nas 424 unidades de registo foram identificadas 37 (9%) que referem que as redes sociais não têm potencialidades para a aprendizagem e 387 (91%) que reconhecem potencialidades às redes sociais para a aprendizagem.

De acordo com o sentido das proposições que atribuem potencialidades às redes sociais para a aprendizagem foram definidas cinco categorias, designadas por contactos, discussão, recursos, usabilidade e outras. A distribuição das 387 unidades de registo pelas categorias referidas é a seguinte: contactos (19%), discussão (17%), recursos (49%), usabilidade (8%) e outras (8%).

Na categoria *contactos* foram integradas as proposições que revelam as potencialidades das redes sociais no desenvolvimento de relacionamentos e de contactos pessoais. Como exemplos de proposições integradas na categoria *contactos* salientamos:

- Promover o contacto entre as pessoas.
- A possibilidade de estar em contacto com colegas e professores.
- Podem-se conhecer várias pessoas que nos podem ajudar em alguma unidade curricular.

Na categoria *discussão* foram integradas as proposições que revelam as potencialidades das redes sociais para discutir tópicos, assuntos ou temas. Como exemplos de proposições integradas na categoria *discussão* salientamos:

- Podem-se discutir em rede as diferentes matérias;
- Discussão de ideias;
- Troca de ideias;
- Debates de temas atuais importantes.

Na categoria *recursos* foram integradas as proposições que revelam as potencialidades das redes sociais no acesso, armazenamento, disponibilização e partilha de recursos diversificados. Como exemplos, salientamos:

- A informação contida nas redes sociais é por vezes importante para a educação e contribui para incentivar a aprendizagem;

- Tem bastante informação disponível;
- Disponibiliza grande quantidade de informação;
- Disponibilidade de conteúdos gerais.

Na categoria *usabilidade* foram integradas as proposições que traduzem facilidade ou rapidez de utilização das redes sociais em vários aspetos. Dessas proposições, salientamos:

- Facilidade de trabalhar com as redes sociais;
- Fácil utilização;
- Fácil acesso.

Na categoria *outras* foram integradas todas as proposições que não puderam ser integradas nas categorias anteriores. Como exemplos de proposições integradas nesta categoria salientamos: *Porque sem estas não conseguíamos alargar o conhecimento; Servem para melhorar a nossa criatividade; Instrumento de socialização.*

Na Figura 4, apresenta-se a distribuição das opiniões dos estudantes (proposições) relativamente ao reconhecimento das potencialidades das redes sociais para a aprendizagem.

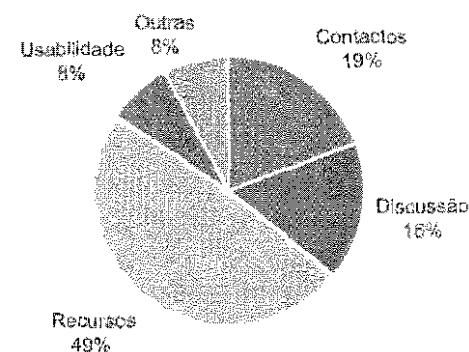


Figura 4: Potencialidades das redes sociais para a aprendizagem (n=387)

Pela análise dos dados pode-se inferir que grande parte dos estudantes considera que as redes sociais constituem recursos de apoio à aprendizagem. Também lhes reconhecem facilidade de utilização e potencialidades para o desenvolvimento de contactos e de discussões.

Os resultados deste estudo, relativamente às potencialidades que os estudantes do ensino superior reconhecem às redes sociais não garantem que se possam traduzir na melhoria do desempenho académico, pois há autores que questionam o sucesso das redes sociais na aprendizagem. Neste sentido, Paul, Baker e Cochran (2012), relativamente a um estudo efetuado com estudantes do ensino superior, salientam que os resultados apontam para um impacto negativo do uso das redes sociais no desempenho académico. Os mesmos autores sugerem ainda que ao mesmo tempo que os estudantes se sentem competentes para usar as redes sociais para fins académicos, não têm o desejo nem a vontade de o fazer.

4.3. OPINIÕES DOS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR ACERCA DAS REDES SOCIAIS

Após a análise das potencialidades das redes sociais para a aprendizagem apreciam-se as opiniões dos estudantes acerca das redes sociais obtidas a partir das respostas dadas à questão: *Apresente duas frases que traduzam a sua opinião acerca das redes sociais.*

Após uma primeira apreciação das respostas dos estudantes optou-se por definir como unidade de análise cada proposição identificada nas respostas dos estudantes. Posteriormente, passou-se à identificação das unidades de registo, à definição de categorias e à integração das unidades de análise nas respetivas categorias.

À referida questão, *Apresente duas frases que traduzam a sua opinião acerca das redes sociais* responderam 323 estudantes. Das respostas desses estudantes resultaram 569 unidades de registo, ou seja, 569 proposições.

Atendendo à diversidade de opiniões manifestadas pelos estudantes, optou-se por classificar as proposições obtidas nas respostas dos estudantes de acordo com o seu sentido, conforme traduzem opiniões favoráveis ou desfavoráveis relativamente às redes sociais.

De acordo com o sentido atribuído às proposições referidas foram definidas três categorias: opiniões favoráveis, opiniões desfavoráveis e outras.

A distribuição das opiniões dos estudantes acerca das redes sociais, pelas categorias referidas é a seguinte:

- Opiniões favoráveis 495 (87%);
- Opiniões desfavoráveis 64 (11%);
- Outras 10 (2%).

Os dados evidenciam que a maioria das opiniões dos estudantes da amostra são opiniões favoráveis relativamente às redes sociais, como se evidencia na Figura 5.

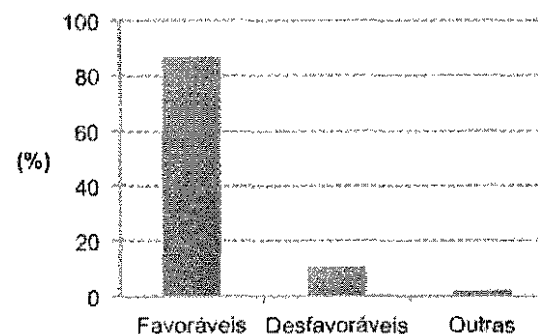


Figura 5: Opiniões dos estudantes acerca das redes sociais (n=569)

Como exemplos de opiniões favoráveis acerca da utilização das redes sociais, destacamos:

- *As redes sociais são importantes para contactarmos com amigos e familiares com os quais não estamos diariamente;*
- *As redes sociais facilitam a comunicação entre amigos;*
- *As redes sociais são um oceano de informação;*
- *Toda a informação está perto;*
- *As redes sociais são uma ligação pessoal com o mundo;*
- *As redes sociais são um ótimo passatempo;*
- *As redes sociais são uma mais-valia em termos de socialização.*

Como exemplos de opiniões desfavoráveis acerca da utilização das redes sociais, destacamos:

- *As redes sociais são perda de tempo;*
- *As redes sociais são um vício;*
- *As redes sociais não me dizem nada, pois acho que por lá não se aprende nada.*

Como exemplos de opiniões integradas na categoria *outras* destacamos:

- *As redes sociais poderiam ser mais aproveitadas;*
- *As vidas das pessoas estão muito dependentes das redes sociais.*

Atendendo às opiniões dos estudantes, as redes sociais são apreciadas favoravelmente pela grande maioria dos estudantes, embora tais opiniões dependam de aspetos distintos de apreciação. Podem-se constatar opiniões favoráveis evidenciando a facilidade de ligação de cada pessoa com o mundo, assim como outras que evidenciam a quantidade de recursos sempre disponíveis para os mais variados fins e a facilidade de ligação entre as pessoas como um meio de socialização.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dos resultados obtidos com o estudo a partir das respostas a um questionário por uma amostra de 363 alunos do ensino superior conclui-se que a maioria dos estudantes, mais de 95%, utiliza as redes sociais.

Os principais motivos que levam os estudantes a utilizar as redes sociais são o estabelecimento de contactos com os amigos (98%), entretenimento (92%), apoio à aprendizagem (67%) e discussão de temas de interesse (55%).

As redes sociais que os estudantes utilizam com maior frequência são o Facebook (81%) e o Hi5 (77%). A maioria dos estudantes utiliza regularmente duas redes (51%), utilizando apenas uma rede (28%) e mais de duas redes (21%).

As principais ações desenvolvidas pelos estudantes nas redes sociais são: manter contacto com os amigos (94%), enviar mensagens (87%), fazer comentários (81%), consultar informação (79%), jogar (61%) e disponibilizar conteúdos (51%).

As principais potencialidades reconhecidas às redes sociais foram classificadas em cinco categorias: contactos, discussão, recursos, usabilidade e outras. A categoria na qual foram incluídas o maior número de opiniões é a de recursos, seguida de contactos, o que

reforça a ideia que os estudantes atribuem grande importância às redes sociais como fonte de recursos e como meio de desenvolvimento de contactos, principalmente entre a rede de participantes.

No domínio das potencialidades da rede para a aprendizagem a categoria com maior representatividade é relativa aos recursos, manifestando uma percepção da parte dos inquiridos de que a rede constitui um potencial para a partilha de conteúdos, à qual se seguem os contactos, nomeadamente através da *possibilidade de contacto com colegas e professores*, e a discussão que é referida como a *possibilidade de discussão em rede das diferentes matérias*, para além da ajuda nos processos colaborativos de aprendizagem, como é assinalado ainda, nesta mesma categoria, do seguinte modo: *podem-se conhecer várias pessoas que nos podem ajudar em alguma unidade curricular*.

A descrição da percepção da rede social incide na interação, comunicação e na partilha de informação ou ainda na atividade lúdica, através dos jogos *online*. Contudo, identifica-se também um indicador na percepção de que a rede pode constituir uma base de trabalho partilhada para a aprendizagem quando os inquiridos revelam que a *informação contida nas redes sociais é, por vezes, importante para a educação e contribui para a aprendizagem*. Neste mesmo sentido, na categoria discussão, evidencia-se o comentário *podem-se discutir em rede as diferentes matérias* o que reflete a atitude de abertura dos utilizadores à integração da rede nos espaços individuais e coletivos de experiência e aprendizagem.

Apesar dos resultados do presente estudo não serem generalizáveis, considerando as limitações da amostra, entendemos que constituem um contributo para a elaboração do pensamento e a definição de indicadores para a compreensão das atitudes e práticas de utilização e integração das redes sociais nos processos de educação e formação nos cenários emergentes.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amador, P., & Amador, J. (2014). Academic advising via Facebook: Examining student help seeking. *Internet and Higher Education*, 21, 9-16.
- Arnold, N., & Paulus, T. (2010). Using a social networking site for experiential learning: Appropriating, lurking, modeling and community building. *The Internet and Higher Education*. Retrieved from <http://www.citeulike.org/journal/els-10967516>
- Attwell, G. (2007). *Personal learning environments - The future of eLearning?*. Retrieved from www.elearningeuropa.info/files/media/media11561.pdf
- Dias, P. (2012). Comunidades de educação e inovação na sociedade digital. *Educação, Formação & Tecnologias*, 5 (2), 4-10 [Online], Retrieved from <http://eft.educom.pt>.
- eBizMBA (Abril de 2014). *Top 15 Most Popular Social Networking Sites*. Retrieved from <http://www.ebizmba.com/articles/social-networking-websites>
- Ellison, N., Steinfield, C., & Lampe, C. (2007). The benefits of Facebook "friends": Social capital and college students' use of online social network sites. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 12(4). Retrieved from <http://jcmc.indiana.edu/vol12/issue4/ellison.html>
- Gray, K. (2010). Students as web 2.0 authors: Implications for assessment design and conduct. *Australasian Journal of Educational Technology*, 26(1), 105-122.
- Kirschner, P. A., & Karpinski, A. C. (2010). Facebook and academic performance. *Computers in Human Behavior*, 26(6), 1237-1245. Retrieved from <http://dx.doi.org/10.1016/j.chb.2010.03.024>.
- Lubensky, R. (2006). *The present and future of Personal Learning Environments (PLE)*, Retrieved from <http://www.deliberations.com.au/2006/12/present-and-future-of-personal-learning.html>
- Mayer, A., & Puller, S. (2008). The old boy (and girl) network: Social network formation on university campuses. *Journal of Public Economics*, 92, 329-347.

- Ofcom, (2008). *Social networking: A quantitative and qualitative research report into attitudes, behaviours and use*. Retrieved from http://www.ofcom.org.uk/advice/media_literacy/medlitpub/medlitpubrss/socialnetworking/report.pdf
- O'Reilly, T. (2005). *What is web 2.0, design patterns and business models for the next generation of software*. Retrieved from <http://oreilly.com/web2/archive/what-is-web-20.html>
- Paul, J., Baker, H., & Cochran, J. (2012). Effect of online social networking on student academic performance. *Computers in Human Behavior*, 28, 2117-2127
- Pempek, T., Yermolayeva, Y., & Calvert, S. (2009). College students' social networking experiences on Facebook. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 30, 227-238.
- Prensky, M. (2001). Digital Natives, Digital Immigrants. *On the Horizon*, 9 (5), 1-6. Retrieved from <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>
- Sánchez, R., Cortijo, V., & Javed, U. (2014). Students' perceptions of Facebook for academic purposes. *Computers & Education*, 70, 138-149.
- Siemens, G. (2004) *Connectivism: A learning theory for the digital age*. Retrieved from <http://www.elearnspace.org/Articles/connectivism.htm>
- Siemens, G. (2005). *Connectivism: Learning as network-creation*. Retrieved from http://www.astd.org/LC/2005/1105_seimens.htm
- Velasco, K. (2010). Learn: Making learning personal. *Training Journal*, February, 24-28.